

**OLHOS
DE
ARREPIAR**
Ivan Mourão

VirtualBooks



Apoio:



Patrocínio:



Bradesco

Realização:



OLHOS DE ARREPIAR

Ivan Mourão

Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,
através da Virtualbooks, com autorização do Autor.

Capa:
Adaptação da obra "Lembrança de Uma Noite" de Luigi Russolo,
por Cristina Monteiro.

Copyright © 2000, virtualbooks.com.br

Todos os direitos reservados a Editora Virtual Books Online M&M Editores Ltda.É proibida a reprodução do conteúdo deste livro em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Editora.

OLHOS DE ARREPIAR

Ivan Mourão

PREFÁCIO

Escrevo poemas desde a adolescência, entretanto eles eram invariavelmente postos no lixo após uma segunda leitura porque eu os julgava ora medíocres, ora demonstrações inaceitáveis das minhas fraquezas. Ainda os considero, em sua maior parte, medíocres, mas, cinquentão, perdida a timidez, deixo ao leitor a tarefa de julgá-los.

Ivan Mourão

ÍNDICE

OCULOS DE ERICIAR (Olhos de Arrepiar em interlândia)

SILÊNCIO

DUVIDARA

DA MENINA À FLOR (15º aniversário de uma filha)

THE QUEEN OF THE WIND

A RAINHA DO VENTO (tradução ruim de "The Queen of the Wind")

TER E SER

DOR (grave doença materna)

MIRAGEM
DERROTA
FANTASIA
POEMA DO "GALINHA"
BARANGAS
CERTEZA
OLHOS DE ARREPIAR
TREVAS
ESCRAVO
REVELAÇÃO
RESIGNAÇÃO
DAR POESIA
CAMINHANTE DA AREIA
SONHOS DE MENINA (15º aniversário da outra filha)
CALAFRIO
POEMA DOS CINCO MINUTOS
PRECE
NOITE DE COPACABANA
DANÇARINAS
BRUXA MODERNA
CAVALO
DESERTOR
MENTIRA ENLUARADA
FLORBELA (Florbela Espanca, poetisa portuguesa do
princípio do século)
AMÉM
PESAR
DIRCEU
NAS NUVENS
MEA CULPA
DESAFIO
FOLHA EM BRANCO (escrito no verso de um panfleto
publicitário)
INCOMPETÊNCIA
HÉLICE
FLUTUAR

O POSTE DO FIM DO MUNDO
MURO
CANTADA LINGUÍSTICA
DROGAS
GIRASSÓIS
BONDE
DECRESCIMENTO
PARTÍCULA
TESTAMENTO

OCULOS DE ERICIAR (Olhos de Arrepiar em interlúngua)

Quando io ambula in le noctes sombre
De luna pauc, strata multe
Obscuritate de fundo de mar
Ebrios a curve angulos
Putas de lumbar curvas
Robatores de pauc moneta
Moneta pauc in le tasca
Io memora mi cordon de auro
Con un cruce etiam de auro
De ubi io mandava retirar le Christo
Que io usava in le sombre noctes
Ora perdite in le tempore
In un tempore que restava perdite
A retro, multo a retro
Detra le tempore abscondite
Ubi io lassava Carolina
Con le oculos de ericiar

Io lassava la illac proque io voleva
Io lassava proque io voleva lassar
In ille plica del tempore

De ubi illa non exira
Si io habeva portate la con me
Per le vias de horas
Que conduce me al ora
Illa haberea inveterate
Proque illa non era de auro
Como le cordon e le cruce
E le tempore la haberea grattate
Le grattamentos del ventos in le argilla
Del ventos que suffla al stratas
Quando io ambula in le noctes sombre
In le noctes que non ha Christo
Ma illos sempre habera Carolina
Con oculos de ericiar

Interlúngua é uma língua artificial como o esperanto, mas utiliza um vocabulário universal aliado à uma gramática simples para facilitar a comunicação entre pessoas de todo o mundo. Leia mais sobre Interlúngua em <http://www.interlingua.com>.

SILÊNCIO

Sussurrei paixão, alegria, candura
Ouviste tesão,
Orgia,
Luxúria.

Falei amor, solidão, tristeza
Entendeste torpor,
Separação,
Frieza.

Gritei apego, alento, esperança

Respondeste desprezo,
Esquecimento,
Distância.

Agora já não sussurro,
Falo ou,
Grito.
Restou-me apenas
Silêncio.

DUVIDARA

Quisera poder saber
O que para mim foras
Se eras aquilo que puderas
Ou se foras apenas o que quiseras

Embora sabendo que me dera
A duras horas me lançaras
Porque sem saber o que tu eras
Queria saber por onde erraras

Hoje sei que não quiseras
Nada daquilo que fizeras
Ignorar já isso não pudera
Julgar meras as palavras que disseras

Voltasse tudo a ser o que era
Qual se o tempo não corra
Teria como única quimera
Voltares a ser o que tu foras

DA MENINA À FLOR (15º aniversário de uma filha)

Quisera te ver ainda
Barriga ao vento
Confusas palavras
Chupetas, bonecos, balões

Nas mãos, biscoitos e balas
Na boca, o riso largado
Palhaço engraçado na televisão

Porém, que infinita fraqueza!
Não pude impedir que o Tempo
Levasse de mim a menina
Tornasse a menina princesa

O Tempo, Senhor tão duro
Que te evite os caminhos escuros
Onde o Bicho-Papão fez morada
E dos quais minha mão desarmada
Procurou te proteger

Mas, se vier dia negro
Noites tenebrosas
Que tu avances sem medo
Certa de que, tempestades
Sem demora cessarão

O Vento quer te afagar o rosto
O Sol te realçar a cor
Que tudo contigo se alegre
Agora tu és uma flor

THE QUEEN OF THE WIND

Go wind
Look for a beach

Where she rests on the sand

Go wind
Take her for your queen
Because she is light like you
Tender like you cannot be

Like you when she passes
Everything bows
In a way it never has been
So wind
Take her for your queen

Please wind
Put these clouds between
The sun and her skin
Its rays are hot and cruel
So wind
Take care of your queen

The sun is fire in this place
Wrongly called Cold
Then wind
Keep our queen the best way you should

A RAINHA DO VENTO (tradução ruim de "The Queen of the Wind")

Vá Vento
Procure por uma praia
Onde ela descansa sobre a areia

Vá vento
Toma-a por tua rainha

Porque ela é leve como tu
Suave como tu não podes ser

Como tu, quando ela passa
Todas as coisas se dobram
E de uma forma como nunca têm sido
Então Vento
Toma-a por tua rainha

Por favor, Vento
Ponha aquelas nuvens a separar
A pele dela deste sol
Cujos raios são quentes e cruéis
Então Vento
Cuida da tua rainha

O sol é fogo neste lugar
Erradamente chamado Frio
Então Vento
Proteger nossa rainha é o que de melhor tu deverias

TER E SER

Ele, grande guerreiro
Nas batalhas do Mercado, vencedor
Possuidor do Dinheiro
Capitão de Cavalos-Vapor

Ela, linda beleza
De Fama e Fortuna, princesa
Inglês, francês, alemão
Brioche, licor e salmão

Sorrisos perenes nas bocas

Nas festas do Grande Salão
Dominam, comandam, lideram
Os que não têm roupas rotas
Os que merecem atenção

Num próximo cantar de galo
Nada estará como agora
Não há sequer um cavalo
Sumiram o Senhor e a Senhora

E nesse lugar desolado
De cacos de vidros quebrados
De carruagem em ferrugem
De teias e ervas que surgem
Já não se acha um criado
Que possa lembrar o passado
Para responder com certeza
Tirantes o poder e a riqueza
Esquecendo o que tiveram
No fim das contas, quem eram?

DOR (grave doença materna)

Noites de febres vigiadas
Dias de ferro e fogão
Amparar minhas caminhadas
Fritar filé de cação

Talco nas brotoejas
Arnica após as pelejas
Vassoura de piaçava, sabão

Onde estão o poder e a arte
Daqueles dias de outrora?

Tão débeis mãos tens agora
Xarope, pomada, poção

Te vendo tão frágil assim
Chego a pensar que é engano
Que no último mês de um ano
De dentro de ti eu provim

Embora comigo ainda estejas
Já não me trazes em ti
Germina em ti outro ente
De forma e teor diferentes
A quem não queres dar vida
Que vai te ferir mil feridas
E que me faz te mentir

Vejo o homem de vestes alvejadas
Que traz uma faca afiada
A quem, com a voz embargada
Rogarei que corte a carne amada
Expulsando de ti o inimigo
Para que fiques mais tempo comigo

MIRAGEM

Ontem te vi
Não a ti pois sei que estás distante
Mas vi mulher tão semelhante
Que foi como se visse a ti

Os teus cabelos pretos
Mesmo busto, mesmos quadris
O caminhar de passos estreitos
Olhos, boca, nariz

Por meio daquela estranha
Tu te fizeste presente
E a saudade que era tamanha
Fez meus olhos me iludirem a mente
E sonhar que não sonhava me permiti
Que de vê-la passei a ver a ti

Naqueles loucos instantes
De fato estiveste comigo
Ao rosto me voltou o sorriso
Largou-me a tristeza constante
Que me turva alma e semblante
Contra a qual não tenho abrigo

Não sei dizer quanto tempo
Durou aquela doce miragem
Deixou-me mais viva tua imagem
No peito um breve alento
Que nem por um momento senti
Desde quando me exilaste de ti

DERROTA

Havia nas noites de noventa
O calor e a cor dos setenta
Porque quando saías às ruas nas tardes de fogo
Nas horas de verão, em meio aos carros em brilho
Punhas no ar o brilho do fogo de verão

Rainha das tempestades rajadas
Das enchentes de janeiro
Mudavas o mundo inteiro
Ao sabor das tuas passadas

Em torno de ti mil fenômenos
O tempo, mais brando, corria menos
O espaço ganhava mais dimensão
E tu tranqüila como filhos de reis são
Poderosamente,
Seguramente,
Certamente,
Reinavas

Armadura, elmo e escudo
Cavaleiro experiente, astuto
Penetrei confiante, resoluto
O teu estranho mundo

No princípio pensei que vencia
Tal era o poder de que me enchias:
És belo forte e formoso
Dos homens que vi, vejo ou verei
O único que amarei

A ti ofereço minha mão, minha vida
Senhor do espírito do meu coração
Ainda que mil anos se passem em seguida
Ainda que venha a revolução
Ainda que os mares as terras engulam
Rei do meu ser! Eu te juro
Em mim terás porto seguro
Sempre a mim tu terás

Tripudiei, tripudiei, tripudiei...

Verei se arranjo um tempo para te dar
Um pouco do meu cobiçado eu
Pois embora não me negue a te amar
Não posso te entregar tudo que é meu

Do meu coração te dou um quarto
Da minha alma tu terás um quinto
De ti porém, quero tudo farto
De ti exijo jogo limpo

Hoje, sobrevivente do teu adeus
Tendo perdido empáfia e ego meus
Trago o corpo lanhado
Das surras que apanhei calado
Do rastejar que rastejei
No fundo do fundo onde andei

FANTASIA

Pai, meu pai de carne
Que me leva pelos barros marcados
Dos pés dos bois condenados debaixo do sol das manhãs

Por que me mostras as rãs saltando nos brejos de ninhos
E aqueles caranguejinhos de muitas pernas e puãs
Abrindo com árduo afã
As tocas na lama dos caminhos?

Por que me apontas borboletas e o brilho da grama
orvalhada?
Os bentevis dos bem-te-vis nas caminhadas
O cheiro doce dos frutos da mangueira
As flores de pétalas molhadas
As mamonas, balas de atiradeira

Hoje sei que sabias que naquele lugar encantado
Jazia um homem enforcado
Havia serpentes na estrada

Nos buracos da lama, gente tragada
Abutres em enojante empreitada

Podias ter-me feito temente
Dos tigres-de-dentes-de-sabre
Dos homens-de-sabre-nos-dentes
E das mulheres de dentes sorridentes
Que transformam o vinho em vinagre

Em todos os pontos há pontas
Em todas as pontas, veneno
Mas, se tu me evitasses o ameno
Eu seria, por certo, mais esperto
Distinguindo o errado do certo
Teria sofrido bem menos

Mas hoje distante nos anos
Já não te porei nenhum reparo
Porque entendi os teus planos
Que me custaram tão caro
Pois sei que mais vale a infância
De fantasia e inocência
Que uma vida de ciência
Contudo, de sonho raro

POEMA DO "GALINHA"

Se posso fazer uma queixa
Se tenho um desgosto profundo
É o de saber que se o mundo
A cada dia que o deixa
Me desse uma mulher diferente
Eu morreria certamente
Sem ter vivido a contento

Sem conhecer um por cento
Das que teria querido

Mulher, és um fruto da terra
E não podes dizer que erra
Aquele que saboreia a uva ou a amora
Mas que mangas e ameixas adora

Quase não encontro quem negue
Que tu és o doce da vida
E tanta doçura te foi entregue
Que te apresentas dividida
És mil-folhas de mel e canela
Raspas de fundo de panela
Peitinho-de-moça e cocada
Torta perfeita açúcarada

Como as flores tão bem conhecidas
Varias em textura e fragrância
És rosa, violeta, hortênsia
Sempre-vivas, acácias, margaridas

Em todas procuro o todo
Mas cada uma tem parte que quero
Se só juntas possuem o que espero
Tomar uma apenas é engodo

Não lamentos se permito
Que meu olhar se desvie de ti
Pois sendo o meu amor infinito
E dá-lo a outras resolvi
Não te subtraio, sou rico
Somei, não dividi

A ti mulher da minha vida
E às outras que conheci

Dedicarei minha lida
E as obras que construí
E quando chegar a partida
Relembrarei com carinho
Das frutas e das horas floridas
Que me adoçaram o caminho

BARANGAS

Não chorei mulheres que amam
Nem vertei vossas lágrimas em vão
Não vos agridam os anos que chegam
Nem vos magoem os homens que vão

Os homens são como os ventos
O tempo é um colar de momentos
Ambos passam tão rapidamente
Deixando pérolas, pólens, sementes

Não invejai a menina mais bela
Bem sabeis que ela veio depois
Na corrida da vida ganhais dela
Que a nenhum obstáculo transpôs

Não chorei minhas doces senhoras
Testemunhas de tantas auroras
Que a vida pulsar ainda sinta
Aquele a que ela nunca contenta

Saberei ver em vós a formosura
Que enfeita as fêmeas de agora
Acharei na vossa nova figura
A silhueta que tinhas outrora

Vossos alvos cabelos me deixarão
Sedosas madeixas na mão
E vossas mãos pelas horas marcadas
Carinhos exclusivos das fadas

Mas se um dia não houver sedução
Não quero escutar nenhum lamento
Haverei de vos dar atenção
Ouvirei vossas histórias de ventos

CERTEZA

Há tanto tempo que te espero
Amiga do Tempo
Te espero desde o momento da alvorada luminosa
Até a mais alta hora da noite mais tenebrosa

Virás, sem dúvida
Senhora Sem Hora
Virás com as dores e as lágrimas súditas
Com o estupor da presteza e o terror da demora

Já não me importa tua chegada
Mas sim de como virás
Se lâmina de inimigo amolada
Ou leito de febres virais

Virás de manhã demorada
Ou virás repentina, indolor?
Na praia de água agitada
Ou na bala de um salteador?

Virás Rainha Maldita

Bendita seja tua hora
Só te tomará por desdita
Aquele que ao mundano adora

Houve um tempo que de ti fugiria
Crendo poder te evitar
Ainda te temo todavia
Mas hoje já te posso louvar

Tu encerras a perda e a cobiça
A pretos e ricos trata igual
És guardiã da Justiça
Acima do Bem e do Mal

Senhora do Pesadelo
Só te pedirei uma graça
Não me deixe no mundo a pertencê-lo
Se já não houver porque o faça

E quando quiseses chegar
Madre da Libertação
Que eu te deixe pousar
Serenos, te estenda a mão

OLHOS DE ARREPIAR

Quando ando nas noites sombrias
De lua parca, rua muita
Escuridão de fundo de mar
Bêbados em curvas esquinas
Putas de lombares curvas
Ladrões de pouco dinheiro
Dinheiro pouco no bolso
Lembro do meu cordão de ouro

Com uma cruz também de ouro
De onde mandei tirar o Cristo
Que usava nas sombrias noites
Agora perdidas no tempo
Num tempo que ficou perdido
Para trás, muito para trás
Atrás do tempo escondido
Onde deixei Carolina
Com os olhos de arrepiar

Deixei-a lá porque quis
Deixei porque quis deixar
Naquela dobra do tempo
De onde não sairá
Tivesse trazido comigo
Pelas estradas de horas
Que me conduzem ao agora
Teria envelhecido
Porque não era de ouro
Como o cordão e a cruz
E o tempo a teria riscado
Os riscos dos ventos no barro
Dos ventos que sopram nas ruas
Quando ando nas noites sombrias
Nas noites que não têm Cristo
Mas sempre terão Carolina
Com olhos de arrepiar

TREVAS

O que fazes aí meu irmão
No alto desta colina?
Não queres estender a mão
A quem de ti se aproxima?

Por que foste coroado
Se nunca quiseste ser rei?
Porque foste elevado?
Por que força? Por que lei?

Hoje estás tão mudado!
Te cercas de guardiões armados
Espadas, lanças, machados
De homens que lançam dados
De mulheres de rostos velados
E que estão tão calados
Debaixo de um céu tão nublado
Nuvens, vento, trovão
Sombras, escuridão

Não serás por mim condenado
Pois tu me ensinaste a não fazê-lo
Mas fico surpreso de vê-lo
Esquecer o teu próprio ditado

Ao vê-lo de ferros cercado
Lembro que me puseste a ouvir
Que com ferro será machucado
Aquele que com ferro ferir

Por que me aproximar retardo e postergo?
Que trevas são essas que a meus olhos vendam?
Teu semblante amigo já quase não enxergo
Esperarei aqui que raios o céu acendam

De espinhos é a coroa que te orna a testa!
De açoites os lanhos que te envolvem o corpo!
De dinheiro tratam estes homens em festa!
Trespasaram cravos em tuas mãos de morto!
Trespasaram pregos dos teus pés à cruz!

Trespasaram a lança entre teu ventre e peito nus!

Agora tomaremos todos do vinagre que te foi servido
Daqui até que o fim do último século passe
A menos que aprendamos a voltar a face
E a não ferir com ferro para não ser ferido

ESCRAVO

Perto de ti, qualquer lugar
Longe, lugar nenhum
Junto de ti, lugar de estar
Distante, lugar comum

Tua presença poderosa
Suprime o siso e a razão
Dá luar à noite nebulosa
Vida, senso e sedução

Uma hora pensei dominar
Teu querer e forças infinitas
Sem saber que só podia usar
O espaço que tu delimitas

Se a minha vontade me impele
Para longe do teu turbilhão
A tua energia a repele
Sepultando minha frágil intenção

E assim, sendo contra concordo
Digo sim quando quis dizer não
De sonhar os meus sonhos acordo
Para sonhar os teus sonhos então

Cansado de lutar luta inglória
Desarmado entrego-me a ti
Pois não só te pertence a vitória
Como a glória pela qual me bati

Agora que sou teu escravo
Que estarei submisso a teu lado
A seguir teus passos condenado
Poderia dizer-te: cuidado!
Ao primeiro sinal de fraqueza
De cansaço que virá com certeza
Destituo-te de tua nobreza
E o meu poder recupero
Mas, na verdade, não quero

REVELAÇÃO

Eras para mim a distância
Dama de um mundo estrangeiro
Diferentes em berço e infância
Tu Casa Grande, eu terreiro

Havia entre nós muitos muros
De pedras de normas e razão
Eu não te oferecia um futuro
E tu não me prometias paixão

Mas eis que água e azeite
Se unem naquele poente na tarde ensolarada
Na praia de azul e leite
Onde a brisa se fez de pente das ondas caracoladas

Um a um caem pedras e muros
Expondo-me a fêmea ardente
E a bela mulher diferente
Que embora sempre fossem presentes
Estavam ocultas no escuro

Nos instantes que se passaram
Teu olhar me transmitiu ternura
De que teus lábios não falaram
Simplesmente confirmaram
Da forma que me foi mais pura

Voltarás aos nós do passado
Temendo o laço que dou
Dirás que foi tudo errado
Que a tua fraqueza enganou
Que foi apenas loucura, pecado
Tessão que deu e passou

Ordena a teu eu que me ignore
E a teu coração que me expulse
Que refaças muralhas e implores
Para que minha presença a repulse

Só vou te pedir um sacrifício
Que é muito menor do que o meu
Apaga de ti todo indício
Mas não renegues o que aconteceu

RESIGNAÇÃO

Já não me restam mais meios
De me esconder a evidência clara
De que embora fosse certo que me amaras

Já não freqüento mais os teus anseios

Não posso mais ter a esperança cara
Tê-la em meus braços até o fim dos tempos
Tocar meu rosto a tua pele rara
Sentir teu cheiro e teu cabelo ao vento

Privou-me a vida após ter-me dado
Do fruto doce que teus lábios lembram
Achou por bem ver-me condenado
A pena dada a quem deuses ofendam

Só me resta agora me resignar
Rogar aos céus que me absolva o Tempo
E que clementes não deixem faltar
Lágrimas quentes que me concedam alento

Mas não te enganes ao me ver penar
Não maldirei o dia em que te conheci
A minha boca só ouvirás louvar
Belos momentos que em ti vivi

Relembrei das tuas soltas risadas
Dos teus abraços nas noites cansadas
Tuas mãos nas minhas mãos apertadas
Como se fosse uma coisa sonhada
E que como um sonho se desvaneceu
Mas quem sonhava nunca adormeceu
Sonho doído de gente acordada
Que quando acaba deixa só o nada

DAR POESIA

Só posso te dar minha poesia

Gerada no ser que me alenta
Gravada na noite que atormenta
Ou na tormenta que anoitece o dia

Meu amor jamais te soneguei
Mas tu sempre refugaste
Quanto mais do amor te dei
Mais amor tu me negaste

O que te dou na poesia
É o mais puro, mais duradouro
Embora a grande maioria
Não consiga ver valia
Em versos que não compram ouro

Até a minha carne te daria
Contudo julgo a oferta fria
É corpo imperfeito e finito
Lugar que apenas habito
E que considero emprestado
Acharias melhores no mercado
Peças de melhor matriz
Bagatelas a preços vis

A poesia é tudo que me resta
É onde ponho a alma em festa
E o coração angustiado
Das noites que passo acordado
Sonhando te ter ao meu lado
Com toda a tua majestade
Que aplaca a pior tempestade

É nela que prendo a alvorada
Depois de colher as estrelas
Para que todas se tornem douradas
E tu te interesses em tê-las

Ali ponho doces palavras
Escolhidas com vagar e zelo
Que se tornem minhas escravas
Te façam ouvir meu apelo

Muito mais pudesse eu fazer
Mais forte, mais caro, mais bonito
Mas não tenho poder infinito
Só posso te dar poesia

CAMINHANTE DA AREIA

Sou um caminhante da areia
Meu passo é pesado e lento
Doe-me o pé na bota cheia
De grãos que espalha o vento

A cada avanço tentado
Mais preso me encontro ao chão
E o caminho já trilhado
Mais leve se afigura então

Há homens que caminham em flores
Outros em folhas de amendoeira
Mas há os que carregam dores
Pisam espinhos, pontas, pedreiras

Já não me queixo atualmente
Do caminho que me foi marcado
Caminhante experiente
Caminho com o caminhar resignado

Agora vejo com surpresa e agrado
Que queres caminhar ao meu lado
Logo tu que caminhavas em plumas
Me apareces saída das brumas
Querendo caminhar nessas dunas
Onde afundo os pés cansados
Do solitário caminhar caminhado

Benvinda seja, minha doce amiga
Vieste alegrar a minha jornada
Rezarei preces para que consigas
Ser companheira e minha bem-amada

Hás que deixar tudo o que carregas
Pois à areia só o teu peso entregas
De outro modo te afundam as pernas
Privando a mim de companhia terna

Se não puderes te despojar de tudo
Não suportares as dores do caminho
Lembrarei de ti sempre com carinho
Grato a ti prosseguirei sozinho
Porque comigo quase ninguém ombreia
Já que nasci para caminhar na areia

SONHOS DE MENINA (15º aniversário da outra filha)

Na cama dos bichos de pano
Onde dormias pequena morena
Sentia que sonhavas serena
Os sonhos dos teus poucos anos

Em sonhar novos sonhos de encantos

Se te empenhas, não posso evitar
Porque os que te dei em acalantos
Já não podem te fazer sonhar

Sonhavas com bruxas medonhas
E príncipes que vinham cavalgar
Nos campos com que hoje sonhas
Conhecer, possuir, desbravar

Quisera poder no entanto
Te levar pelas mãos nesses campos
Mostrando onde podes pisar
As trilhas em que deves andar
Que grutas de monstros evitar
Mas refreio este anseio mesquinho
Porque teu e só teu é o caminho

Que te ajudem as fadas de outrora
No caminhar que tens pela frente
E tua vida seja sempre alva aurora
Nunca noite ou obscuro poente

Mas toma a coragem das fêmeas felinas
E a brandura das brisas nas colinas
Que assim terna e firme serás capaz
De vencer picos, abismos, temporais
E mesmo das fadas a ajuda faltando
Verás teus sonhos se realizando

CALAFRIO

Há um ar de calor pesado
Que cobre meu corpo, envolvente

Onde habita meu espírito gelado
Pelo forte frio de te ter ausente

Por tanto que tardas em voltar
À guisa de me fazer sofrer
Dás ao quente o tempo salutar
Esquentar o frio, o gelo derreter

E assim da morte branca em que me lançaste
Ressurge franca a chama que me alenta
Acho nas ancas onde o meu olhar engaste
Mulher alavanca que ao fogo alimenta

E conto tantas de tão belas formas
Que passam ao largo mas às vezes rente
Com uma delas meu peito se conforma
E a tua imagem me abandona a mente

E vamos juntos pela vida afora
Eu e aquela que meu leite es quente
Até o dia que vem sem demora
Em que me lance ao gelo novamente

POEMA DOS CINCO MINUTOS

Começo a escrever às nove
Na noite quente de um verão já ido
Para o meu peito a saudade move
Forte desejo de te ter comigo

Junto de ti a vida era uma sorte
Tornou o adeus um similar da morte
Que esquecer eu tento desde então

Maldito tempo passa sempre em vão

Teria tanto, tanto para dizer
Mas devo agora parar de escrever
São nove e sete e eu por ódio astuto
Roubei do tempo quase três minutos

PRECE

Pai, que em toda parte estás!
Permita que eu trilhe Teu Caminho
Cujo começo descobri sozinho
Depois de muito andar para trás

Tu és Potência Infinita
Enquanto sou força parca
És da imensidão Patriarca
Sou filho da terra aflita

Então, meu Pai, Te dou meus pesos
Meus erros, minhas dores, meus vezos
A carga que me verga os ombros
A angústia da minha alma em escombros
Os medos dos meus tantos assombros
Porque só Tu no universo és capaz
De transformar pesadelos em paz

Assim, ao meu ser aliviado
Acrescenta Tua luz, dai-me força
Que eu devo espalhar ao meu lado
Dividir com aquele que sofra
Convertido, portanto, em verdade
Em instrumento da Tua Vontade

Que eu seja justo, sincero, veraz
De causar dor ou mágoa incapaz
Sem me deixar ofuscar pelo brilho
Faça jus ser chamado Teu filho

NOITE DE COPACABANA

Andando por Copacabana
Na noite de um quente outono
Deixando no chão ainda morno
Pegadas em fila indiana

Vejo aquele senhor assustado
Na fila do caixa instantâneo
Que diante do preto embriagado
Não consegue ser espontâneo

Falsas fêmeas em grande alarido
Procuram velhas ciganas
Que lhes possam afastar os perigos
Da noite de Copacabana

Afinal, que lugar é esse
De homens e mulheres estranhos
Que têm que viver em rebanhos
Onde ninguém se conhece?

E cruzo com a puta baixinha
Tem metade do meu tamanho
Que me argúi se convinha
Se me traria algum ganho
Passar com ela em sua cama
A noite de Copacabana

Perdoa-me, pequena amiga
Se hoje recuso o convite

Espero porém que consigas
Parceiro que não te evite
Porque tenho sina insana
Na noite de Copacabana

No guarda que prende o mendigo
Na ruiva que exhibe a matéria
No menino que acha um abrigo
Em cada qual uma miséria

E observo as figuras humanas
Entre o mar agitado e o concreto
Não distingo o errado do certo
Na noite de Copacabana

DANÇARINAS

Minha mãe dançava boleros
Em perfumado salão
Seus passos marcados eram meros
Instrumentos da sedução

Minha avó dançava na terra
Samba, frevo, baião
Danças do tipo que encerra
Força, beleza, paixão

Descubro então que só vim
Porque elas dançaram por mim
E antes delas outras tantas
Outrora mulheres, hoje santas
Em meio ao pó que levanta
O pé que marca o compasso
Do corpo solto no espaço

Dançaram as mulheres do deserto

Com o sol candente no ventre
Onde se aninhavam por certo
Sementes da minha semente

Dançaram as finas européias
Ao som da música dolente
Nas ruas dançaram as plebéias
Para que eu viesse a ser gente

Para que eu viesse a ser gente
Dançaram nuas na floresta quente
A dança dos corpos suados
Movidos com modos ousados
Que alegravam os homens cansados
Das lutas na terra inclemente
Que em troca lhes davam sementes

Do tempo removi o véu
E vejo todas a dançar no céu
Danças alegres que celebram a vida
Dança solene a fêmea agradecida

Vejo porém, com a nitidez do agora
As minhas filhas de poucas auroras
Que dançam belas nos seus jovens anos
Danças sagradas sob sons profanos
Ignorando que daqui a mil anos
Outro trineto estará louvando
Os lassos passos que ora estão dando

BRUXA MODERNA

Bruxa moderna que a meu passado sonda
Mulher por mãos de fada fadada
A ser minha ouvinte mais longa
Da minha fala mais ousada

A ti entreguei meus demônios
Meus males, meus medos, meus sonhos
As noites de insônias carpidas
No reino das culpas doídas
Cercado de couraças erguidas
Onde habitam os seres bisonhos
Do meu interior mais medonho

Haverei de pagar-te em moeda
Pela breve nesga do tempo
Em que me darás algum alento
Descanso, conforto, entrega

E tu me dirás que sou puro
Apenas um homem maduro
Que erra porque é humano
Que nada tem de profano
De louco, de mouco ou de insano
Porque a teus olhos sou são
Desejos, impulsos, paixão

Feiticeira das tardes brilhantes
Nos dias de orgônio no céu
Quisera tirar-te o véu
Contemplar o teu eu por instantes

Sei contudo, que não é possível
És vestal de um templo invisível
Rainha dos campos de brumas
Das mentes dos homens que aprumas
Dos sonhos que como as espumas
Se criam no mar de conflitos
Das almas dos seres aflitos

Num dia porém, muito incerto

Dos antigos fantasmas liberto
Poderei não lembrar dos meus vícios
Mas jamais esquecer teus feitiços

CAVALO

Cavalo de longas crinas
Correndo ao vento nas ravinas
Cavalo de porte altivo
Senhor das distâncias, instintivo

Há sempre um cavalo no mundo
No mundo das instâncias finitas
Que corre do abismo profundo
Aos picos das pedras bonitas

É preciso domar um cavalo
Torná-lo dócil, pará-lo
Montar em seu dorso em pêlo
Afagar o pescoço, com zelo
Fazê-lo correr com um apelo
Cavalgar no tempo infinito
Penetrar no ar sem atrito

Mas não se pode por rédeas
Nem freio, nem brida ou arreio
Peças vis que, por férreas
Interrompem o galope no meio

É preciso deixá-lo trotar
Os estorvos da pista saltar
Galopar sob o sol que es quente
Ou na chuva que desce inclemente
Por cascalhos, gravetos ou dormentes
Porque há de chegar de repente
Na mais bela e florida pradaria

Onde podes apear da montaria

Não se pode temer o cavalo
Que nos leva pela vida afora
Porque quem se recusa a montá-lo
Morre aqui, onde estamos agora

DESERTOR

Cobria-me o peito uma couraça
O esquerdo braço, um escudo
Na mão destra, pesada maça
Na cintura, punhal agudo

Na noite que era quase acabada
Ouvira o tropel da cavalhada
O toque aflito do clarim
Cujas notas anunciavam o fim
O fim deles ou o fim de mim

Ombreado a irmãos silentes
Todos jovens, fortes e valentes
Aguardava tenso o despontar da aurora
De cujos raios dependia agora
O momento certo de começar a luta
Ofício justo que a ordem imputa

À luz primeira que atravessa a bruma
Vislumbro os vultos dos meus inimigos
Formam fileiras pelo breu que esfuma
Exibem pontas plenas de perigos

Não vejo a hora de fazer sentido
A justa lei que a ordem declara
Lançar ao chão filhos de falha rara

Que não deviam sequer ter nascido

Agora enxergo o bafejar das montarias
Tantos arqueiros aprontando pontaria
Vejo espadas de gumes afiados
Projéteis que serão catapultados
Cabos de sabres que não estão embainhados
Sob o Sol que não consegue mais abrigo
Contemplo nítida a face do inimigo

E me desfaço do aço cortante
Corro arfante em contrária direção
À do inimigo que tem o meu semblante
Tão semelhante que parece meu irmão

MENTIRA ENLUARADA

Oh Lua que plagias
Do Sol os raios luminosos!
Calaste enquanto ela me mentia
Aos meus fracos ouvidos sequiosos

Sob o teu branco manto confiava
Que não haveria engodo ou covardia
Entreguei-me todo à voz que inflava
O meu ingênuo peito de alegria

Não podia crer que a noite clareada
Pudesse acobertar soturna empreitada
Que é própria das sombras tenebrosas
Onde avultam silhuetas assombrosas
E os vultos das coisas malformadas

Tua luz tornou o ar tão perfeito
Me deixou desarmado e afeito

A achar que era adorado
Querido, amado, almejado
Ungido, sagrado, eleito

Havia então tanta magia
Que a razão fugia em disparada
Impediu-me saber que o que ouvia
Não passava de mentira enlutarada

FLORBELA (Florbela Espanca, poetisa portuguesa do princípio do século)

Eu te conheço sem ter te visto
Exceto em pardas fotografias
Onde tua face que hoje avisto
Mostra velhice jovem que terias

Quisera ter nascido noutras eras
Ter vivido em lusitanas terras
Ouvir tua voz que oculta o tempo
Que nos fez viver em dois momentos
E duramente as minhas mãos condena
A não tocar nas que seguram a pena
A pena rústica de onde saem perfeitos
Os puros versos que me tocam o peito

Mas o teu triste olhar está comigo
No ar que atravessaste então formosa
No pó que espalhaste em tempo antigo
E no fumo das minhas noites invernosas

Não dividimos nunca o mesmo espaço
Aos teus ouvidos eu jamais falei
És a mulher para quem eu hoje faço
Versos que nego às que já toquei

És bela e flor esmaecida
Prova fiel de que o tempo é ledó
Tenho comigo quase a tua vida

Nas letras mortas que de ti recebo
Recrio tua alma que anda perdida
No amor que rola entre os meus dedos

AMÉM

Há, por certo, menos água no oceano
Do que nas lágrimas que já verti
Isso ouvi de um sábio soberano
Quisera disso convencer a ti

Na tua presença sou sempre rijo e forte
Não te permito ver meu choro ou covardia
E tu me crês superior, homem de sorte
Cujo destino é viver em alegria

Vês-me qual árabe em tendas de odaliscas
Sultão moderno chafurdado na luxúria
Em devaneios e fantasias sei que arriskas
Julgar-me dado a pôr dinheiro em coisas espúrias

Nos teus sonhos só me encontras triunfante
Senhor das ninfas, dos sentidos almeiante
E pelas fêmeas em todo canto adorado
Em finos trajes, belos carros, endinheirado
Corpo saudável ao prazer predestinado
O gozo venéreo é meu querer determinante

Juro que rogo a todo o céu todos os dias
Tornar-me ínfima parte do que me pensas

Porque talvez larguem meu peito as agonias
E eu possa ter a placidez por recompensa

PESAR

Pesa em meu peito um pesar preponderante
Que não se afasta nem se estou em harmonia
Rodeado de alegria estonteante
Em fartas mesas de seletas iguarias

Já consultei as escrituras em alfarrábios
E me afundei nas mais sutis filosofias
Ouvi palestras proferidas pelos sábios
Tomei um texto oracular para meu guia

Fui ver doutores que estudam a mente humana
Traguei poções que prescreveram alienistas
Fiz tantos testes para ver se era insana
A minha alma que a alegria não conquista

Conheci mulheres de beleza exuberante
Em cujos colos debruçei-me atordoado
Bebi dos vinhos o efeito inebriante
Nas sinfonias embalei o meu enfado

Qual condenado conformei-me com a sentença
E já não busco soluções ou lenitivos
Aclimatado a este mundo aflitivo
Sinto-me bem mesmo conquanto estou cativo
E já não rogo por indulto ou recompensa

DIRCEU

Assim como nunca vi Florbela

Porquanto em tempo precedeu-me muito
Tenho contigo a mesma mazela
Que ao nasceres já eu era adulto

Não quero então ouvir o teu queixume
Quando me estaco diante do jardim
De cuja flor, o mel e o perfume
Me ouço dizer que já não são para mim

Não me abstraio de que sou concreto
Enquanto tu ainda és porcelana
E se nos unimos logo se profana
Das leis do Tempo o mais sacro decreto

Hoje és frescor, o viço e o botão
Viverás muito entre o novo e o belo
De onde estou vislumbro o ancião
Perder vigor, horizontes e anelos

Quero portanto que sigas tua estrela
E em jovens braços vás sonhar a vida
Pois se em meus sonhos ainda sonhe tê-la
Quando acordado sei que estás perdida

NAS NUVENS

Nas nuvens que passam
Formas mutantes viajam
E eu que não sei voar
Invejo os seres que flutuam
Efêmeros formados nas nuvens
Que eu fixo contemplo pasmo

Vivesse também um minuto

Etéreo fosse o meu corpo
Talvez após tidas mil formas
Tomo uma que agrade a ti
E assim por um instante fugaz
Conquisto a tua atenção
E embora transmute em seguida
Por certo levo para o novo modo
O calor eterno do teu breve olhar

MEA CULPA

Porque carrego uma pedra
Pesada e de pontas agudas
Esperava de ti mais entregas
Mais apoio, mais perdão, mais ajudas
Que não viriam por força de lei
Sei. Sei toda dor que te causei

Por anos me deste comida
Cereais, animais, condimento
No demais foste tão comedida
Eu não vivo tão só de alimento
Porque levo uma pedra, cansei
Sei. Sei toda dor que te causei

Não preciso que censure a pedra
A dizer que ela é feia e pontuda
Que cruel, involui, desagrega
Disso sei, disso sei, não se iluda
Porque ela me pesou onde andei
Sei. Sei toda dor que te causei

Te queria para sempre amiga
Mas a pedra nos impôs sofrimento
Tanto a ti que na dor foi urdida

Quanto a mim que sou mero elemento
Da dor de que nunca falei
Sei. Sei toda dor que te causei

DESAFIO

É nas noites longas das terríveis agonias
Que a dor nos cava mais profundo sua ferida
E quando as horas se arrastam pachorrentas
Como se fossem lesmas em tempo embebidas
Que a gente desce ao mais sombrio calabouço
E sente a morte bafejar no nosso peito
Sem produzir então sequer o menor susto
Visto que estamos já sem vida, sem alento
Melhor seria se nos chegasse o alheamento
Que conduzisse ao limiar do jugo injusto

Por quantas noites conheci o puro inferno
Que de tão duros aos castigos me acostumo
Agora rogo que me venham mais profundos
Santificado sua dureza desafio
Venham os monstros que habitam o chão imenso
E os demônios, filhos dos santos esconjuros
A quantos urdam o mais cruel dos pensamentos
Exponho o corpo calejado de infortúnios
Lanço à luz as criaturas que nas trevas
Foram moldadas, cinzeladas e polidas
Por quantos castos sacerdotes da virtude
Que pelos séculos trabalharam em prol da morte

Posso sentir já o frescor da madrugada
Porquanto pude expulsar os pesadelos
Que vão pairar sobre os colchões dos impolutos
Procura sempre ao criador seu unigênito
Que já não pode me causar nenhum tormento
A mim que aguardo em placidez que o firmamento

Me banhe em luz que há de vir com a nova aurora

FOLHA EM BRANCO (escrito no verso de um panfleto publicitário)

Vasculhando milhões de papéis
Propaganda inútil, vazia
Em meio a folhas escritas
Nas pares e ímpares faces
Encontro, por sorte, esta aqui
Que a mídia esqueceu de ocupar
Cuja limpa alvura me incita
A escrever este quase poema
Que dedico a todas as mulheres
Minhas mães, minhas irmãs, minhas filhas
Companheiras, esposas, concubinas
Que são como as folhas vazias
Sem as quais não adianta ter pena
Nem idéias, gramática ou tinta
Porque mesmo que me aflorem os sentidos
Não terei aonde pô-los a contento

INCOMPETÊNCIA

Cruzando nos vãos da noite
Os ermos caminhos de apavorar
Sobressaltos nas sombras da esquina
Tanta quina de morte a espreitar

Estreita-me o peito um assombro
E um frio me faz me curvar
O medo me pesa no ombro
Em escombros mergulho o olhar

E se então dessa sombra surgisse

Uma lâmina para me dissecar
Tão sem glória meu ser findaria
Tão sem fim meu existir ficará

Merecido seria, contudo
Esse modo cruel de acabar
Pois na vida me ofertaste tudo
E eu confuso não soube te amar

HÉLICE

Como uma hélice que roda ao sabor do vento
Meu ser se roda entre o viver e o sonhar
Sonhar é ter o acordar por desalento
Viver é sonho que ambiciona o despertar

Sonho que sonho que tu estás em minha vida
Desprotegida tu te entregas em meu sonhar
E ao fim do sonho do meu sonho estás perdida
Sonho que já não poderei te encontrar

Não paro a hélice que me turva a realidade
Porquanto temo não poder mais suportar
Parar os saltos de um sonho a outro sonho
Posto que sonho um viver só de sonhar

FLUTUAR

No princípio dos meus tempos
Havia uma inocência fria
Do nada saber sabendo
Que outrem, por certo, sabia

E eu flutuava no mar, flutuava na terra e afundava no ar

Vieram os homens antigos
Com rugas nos rostos curtidos
Me afundando em seus ditos
Fazei um acordo com o pai
Dizendo mágicas frases quais
Pai nosso que nos céus estais
Em vosso reino bendito
Onde eu não consigo flutuar
Olhai por mim que habito
Somente na terra do mar

E quem tinha o voar como fito
Às palavras a alma aferra
Mas embora seguisse o prescrito
Afundava nos mares da terra

É porque pecais, me diziam
Orar e ser casto é preciso
As deusas da terra aliciam
Impedem a virtude e o siso

E eu orava contrito
E eu amava em conflito
As deusas que devia evitar
Culpado por deus não me amar

Quando vi que os velhos morriam
Afundavam na terra e sumiam
Corri para as lajes mais duras
Pois meus pés já buscavam funduras

Foi então que parei de orar ao senhor
Pus de lado o excelso incriado criador
E esqueci dos velhos sepultos
Dos seus conselhos e ditos cultos

Que não passam de coisa de estultos
E apodrecem com seus corpos em fedor

E flutuei no mar e flutuei na terra e flutuei no ar

Com o fim dos meus tempos chegando
No incerto mudar flutuando
Vejo no futuro uma estrada
Que corta uma terra arrasada
Onde homens com os pés afundando
Procuram por nova morada

Mas dentre eles, que alívio!
Naquele campo elíseo
Vislumbro deusas a flutuar
No mar da terra e no ar

O POSTE DO FIM DO MUNDO

No fim da minha rua havia um poste
Onde uma rala luz que tremeluz pendia
Além daquele poste só o nada havia
E além daquele nada nada mais se via

Nas noites de muita coragem
Eu até lá caminhava
E ao concreto do poste me agarrava
O abstrato breu sondava
Tentando ver se alguma imagem
O fim do mundo ocultava

Era então que eu via o abismo
Com meu torto óculos de estrabismo
Que torturava meu rosto de criança
Eu buscava até aonde a luz alcança

Mas só achava o vazio ostracismo

Acolá daquele poste era o eterno
Um mar de talvez que se abria
Fosse ali a fronteira do inferno
Ser também paraíso poderia

Via monstros na minha miragem
Uma cobra na pose mais sonsa
A nudez da mulher selvagem
Que saltava com seus saltos de onça

Mas um dia vieram homens com pás
Só vieram para fazer coisas más
Trabalhavam sem perder um segundo
Esticaram minha rua ao infinito
Plantaram postes como fossem palitos
E me tiraram a fronteira do mundo

MURO

Há tanto tempo estes tijolos fito
Que já os vejo mesmo sem olhar
Há uns com muito musgo parasito
E uns com fendas, prestes a rachar

Invoco a chuva, rezo ao sol, imploro ao vento
Que ao relento venham todos se ajuntar
E clamem ao tempo que está em cada elemento
Que enquanto é tempo possa o muro derrubar

A quantos me achem de conduta intrigante
Porque odeio contrução tão regular
Direi que é feia para apenas despistar
Pois a verdade é que a espera fatigante

É porque estás do lado dito oponente
E eu renitente almejo tanto te encontrar

Sonho com o tempo a destruir a estrutura
Qual criador que assassina a criatura
Já que os tijolos que compõem a simetria
Pusemos nós em harmonia tempos atrás

Tenho nas mãos um ramalhete para te dar
Mas sinto que o tempo está também a nos atacar
Tal como as flores que se murcham sem apelo
Meu desmazelo é não poder mais esperar

CANTADA LINGUÍSTICA

Procuro por boas palavras
Como quem garimpa ouro
E mesmo depois de escolhidas
Eu as deixo secar um pouco
Porque a palavra encharcada
Por melhor que lhe seja o tom
Não flutua no ar propriamente
Mais freqüente se esparrama no chão

As palavras que têm muitos erres
Só se prestam para peroração
Se contudo elas são muito longas
Procrastinam a tergiversação

Uma vez escolhi a pachorra
E a usei numa frase sutil
É palavra porém tão cachorra
Que a beleza do dizer destruiu

Tudo isso eu lhe disse porque

Ajuntei tantas belas para você
Consumiu-me um tempo infinito
Consultando alfarrábios aflito
Depurando o que era esquisito
Para lhe dar o que melhor haja
Para que ajam na melhor que há

Estrelas, primaveras, colibri e beija-flor
Serenata, celacanto, açucenas e toucador
Feminina, carinhoso, enamorado e sedutor
Aconchego, enluarado, sensualidade, amor

São exemplos das que guardo escritas
Companheiras das que moram comigo
Para as quais rezo rezas contritas
Possa um dia sussurrar-lhe ao ouvido

DROGAS

Onde nasci todos se drogavam
Mamãe dizia que era bom
Vovô e o padre concordavam
E me davam

Agora já não me dão
Mas eles continuam ébrios
Injetando crenças nos cérebros

É por isso que sinto nostalgia do Sol
De onde vim há um tempão
Onde não há crença
Só calor e luz intensa

GIRASSÓIS

Na saia da dançarina que gira
Umas rendas se destacam
Que eu fixo olho e não vejo
Nem a cor, nem a largura
Porque me atraem os olhos
Outras partes com mais calor

Têm meus olhos o mesmo dom dos girassóis?

Dizem que tudo está a girar
O mundo e as galáxias
E os meus pensamentos
Como os meus olhos
Postos na barra da saia
De rendas que não vejo
Porque vejo que quero o calor
Que anima o pano que gira
Como giram os astros e o sol
E giram os girassóis

Uma vaca parou para ouvir a música
Que embalava a saia girante

Havia entre mim e a vaca
Uma sintonia quase fraternal
Parados sobre as nossas seis pernas
Éramos fixos raros em meio à giração
Eu e aquela minha irmã vaca
Companheira do mundo da fixidez
Estatelados existíamos
Sob o céu rendado de estrelas girando

Foi então que quem tocava parou
E pude ver que a renda era branca
Enquanto se ia a dançarina quente

Para um ponto no fim do horizonte
Aonde morriam as estrelas

E tudo deixou de girar
Como eu, a vaca
E os girassóis na noite

BONDE

O sol não era o mais duro naquele meio-dia
Do dia em que, puro, consegui chegar ao fim
Ao fim da minha doce era de inocência
Adolescência que enfim em mim nascia

Saltavam os trilhos daquela terra poeirenta
Escavacada pela lenta obra largada
Quando cheguei àquela rua quase nua
Haviam trilhos e sol em pó naquele nada

E vi o bonde sair de onde me largara
Sumir na curva aonde tudo o mais sumia
Estatelado olhei para os trilhos do passado
De onde viera muito embora algo houvera
Tudo se escondia ou já nada mais havia

Era o menino que chegava à nova escola
Sem a escolta da sua mãe acostumada
Estava só naquele meio de infinito
Sentia aflito o sol, o pó, o trilho, o nada

Sobrevivi já não sei como à experiência
Criando a crença de que não mais repetiria
Virando um homem ganharia a consciência
Saber dos trilhos me ensinaria a sã ciência
Saber do bonde, de onde vem, aonde iria

Tola esperança, renitente sonhador
Que do sol quente até hoje não se esconde
Da vida o bonde pelos trilhos correria
Eu penitente saltador em tantos pontos
Com muitos nadas, muitos pós, depararia

Hoje me encontro aqui contigo neste nada
E os nossos trilhos se separam ali adiante
Vá nesse bonde em meio ao pó da curva estrada
Que eu fico aqui aclimatado ao sol flamante

DECRESCIMENTO

Todo mundo nasce imenso
Participante da grande e cósmica lida
A que penso chamarmos vida

Se o nascer do ente humano se dá
Ele vira filho da imensidade
De onde provém a humanidade
E tudo o que tem idade
Daqui, dali e de acolá

Se nasceste és certamente
Filho, irmão ou parente
De tudo o que é existente
Até daquele que a gente
Que se acredita ser crente
Nomeou Onipotente

Mas logo tudo estará confuso
Hão de tornar-te menor a cada ano
És branco, preto ou cafuso
Mulato, amarelo, ariano

Es qui mó ...

Eis que só os da tua raça aceite

É bom não se misturar

Como se fosses n'água o azeite

Haverás de te segregar

Mas não pararão por aí sua guerra

Trar-te-ão um desenho da Terra

Dividida em pedaços contíguos

Com cores distintas pintados

E segundo aonde te caia o umbigo

Recebes uns papéis carimbados

Sueco, grego ou lapão

Inglês, francês, alemão

Por tu guês ...

Por tua vez hás manter jurada

Lealdade ao papel colorado

Que junto com um pano pintado

Comporão a tua pátria amada

Mostrar-te-ão então o teu deus

Que vem descrito em livros antigos

Guardados por homens vestidos

De roupas de longos tecidos

Que se distinguem dos teus

És muçulmano, protestante ou judeu

Budista, xintoísta, fariseu

Fun da men ta lis ta ...

Fundamenta a lista das tuas obrigações

As regras dos que só têm certeza

E que te farão crer com firmeza

Que são de Deus amigalhões

E quando estiveres bem crescido

Completarão o teu apequenamento

Tu serás admitido

No mundo do pensamento
Hás que ter uma ideologia
Ou, ao menos, uma filosofia
Serás nazista, facista ou liberal
Trabalhista, socialista, amoral
Co mu nis ta ...
Como um ista qualquer que hás de ser
Estarás em oposição aos demais ismos
E matarás qualquer um que se atrever
A não querer que entre vós hajam abismos

Transformam-te num homem encolhido
Mas te podes tornar mais tolhido
Ainda tem muita maneira acertada
De criar muito mais divisão
De produzir muito mais facção
No que já é uma reles fração
Para que sejas então um quinhão
Daquilo que já é quase nada

PARTÍCULA

Sob a luz do luar na noite fria
Recebi o impacto im-per-cep-tí-vel
De um raio de luz que me provinha
De uma distante estrela mal-visível

Por bilhões de anos-luz tal energia
Navegou em direção à minha mão
Meus longos nervos em uma ponte tornaria
E num micro-instante inobstante ela estaria
A ribombar intra-meu-cérebro pensante

Em meus neurônios aquele átimo encontraria

Bilhões de pares que ali faziam residência
Mantinhام acesa a minha versão do passado
As minhas culpas e temores, a minha essência

Na imensidão das minhas massas cranianas
Houve um contágio de estelares proporções
Visto que aquela que viera da distância
Acostumada à retidão por longas eras
Induziria as circundantes companheiras
Renunciar aos limitados hemisférios
E navegar na plenitude einsteiniana

E eu que falo, eu que pondero, eu que escuto
Eu que sou mera humana fera maquinaria
Sofri o efeito da microscópica algaravia
Senti-me súbito, claro, ágil, astuto

Sob este estado-de-espírito flamejante
Codifiquei meu pensamento em uma sentença
Que dividi em duas partes equidistantes
Em cada qual duas palavras têm presença

E soltei num grito mais do que solene
A prima peça do meu par elaborado
Com a lentidão que tange o ar o som vibrado
Direcionei aos teus ouvidos o novo lema:

A Mor-te ...

E em teu lindo rosto de mulher mais cobiçada
Minha mensagem criou-te grande efervescência
Posto que à Morte não costumavas avaliar
Que é um fato que à distância tu manténs
E só dentre vidas te permites frequentar
Pois te aterrora o acabar da consciência

A derradeira parte da sentença lucubrada
Que provocara o invasor extra-galáctico
Foi encontrar-te em tanto pânico mergulhada
Posto que a Morte é mais cruel com afortunados
E tua fortuna é a juventude já condenada
Pelo rei Tempo que ao permanente é antipático:

... é im-po-ssí-vel.

Eis que agora te desarvoras em alegria
E num instante passas do opaco ao brilhante
E o teu olhar fez refletir a energia
Que te chegara em minhas sílabas sonantes
Devolvendo ao céu sob o luar da noite fria
Aquele partícula que nos fizera mais amantes

TESTAMENTO

Minha memória, ao Tempo
Que é pai do esquecimento
Ao Mundo, o meu lamento
Pelos rastros que fiz sedento

Ao Vento, meu último alento
E o meu pó a que acrescento
Todo o meu sofrimento
Por ira, amor ou tormento

À Uma Mulher que intento
Seja todas nesse momento
E as represente a contento
Porque me foram unguento
E, do Mundo, o ornamento
Lego, numa flor, sentimento.



Ivan Cunha Mourão

Ivan Cunha Mourão nasceu quando faltavam doze dias para o final do ano de 1948, no centro do Rio de Janeiro mas, mudaram-no, ainda na infância, para a Penha. Desde cedo percebeu que nem sempre o que gostamos de fazer significa a nossa real vocação porque, muito embora passasse os dias jogando futebol, a falta de talento o obrigou a voltar-se , ainda que a princípio contrariado, para outras áreas de atividade humanas. É aqui que entra o gosto pelas letras que, iniciado na escola com a leitura dos clássicos obrigatórios da literatura brasileira, foi magistralmente lapidado por uma jovem professora no Colégio Clóvis Monteiro, onde cursou o segundo grau ou, talvez melhor dizendo, o Ginásial e o Científico.

Na adolescência e na juventude era dado a escrever poemas mas, invariavelmente os transformava em bolas de papel que enchiam as latas-de-lixo. A timidez não o permitia expor assim tão abertamente os seus sentimentos... ou será que era porque não havia ainda desenvolvido a capacidade de reconhecer o valor de uma grande obra poética? O leitor dirá.

A Vida não poupa ninguém, nem mesmo os poetas. Ivan Mourão cedo vai trabalhar, vai cursar faculdade noturna onde se forma em Administração de Empresas e vai aprender as mais inúteis teorias apoiadas em organogramas, fluxogramas, gráficos e equações e, sabe-se lá, quantas sandices mais. A produção poética pára. Vêm casamentos, alugueres, contas, deveres. Tem duas adoradas filhas e é preciso ganhar dinheiro para sustentá-las. O tempo passa depressa.

À medida em que a vida melhora, e ela sempre melhora, a poesia recrudesce lentamente, só que, desta feita, já não se destina tão inexoravelmente à lixeira. A timidez sumiu... ou será que foi o senso crítico? O leitor dirá.

O novo século vem encontrar Ivan Mourão trabalhando, após vários cursos de especialização, num cipoal de computadores da área financeira de uma grande empresa nacional, contando, regressivamente, os dias que o separam da aposentadoria, alentado contudo, por uma coisa nova: o advento da Internet com toda a sua gratuidade vem oferecer a oportunidade de divulgar os seus poemas que escaparam do lixo. Se merecidamente ou não, o leitor dirá.
